

## RELAÇÃO ENTRE TEORIA E CLÍNICA: A QUESTÃO DA INTERPRETAÇÃO

SÍNTESE: JORNADA DA TEORIA DOS CAMPOS /  
SBPSP (11/08/2007)

Luciana Saddi\*

O analista está imerso na experiência emocional e busca significado para a experiência subjetiva da dupla, criando a possibilidade de comunicação entre paciente e analista. A interpretação ocorre na intersubjetividade e propicia a abertura para novos significados. Os meios utilizados são: *setting* (ambiente), jogos, rabiscos, brincar, ironia, silêncio, fala, construção, desconstrução, intervenções verbais, interceptação, continência, transposição, ligação, murmúrios, ruídos, cortes, toques verbais.

A interpretação também é considerada como um processo, como maneira de estar na sessão, modo de ser e de fazer junto ao paciente. É um meio para alçar um objetivo, um instrumento para descoser o tecido e abrir espaço. Não procura estabelecer significados, verdades ou recuperar a memória-história do paciente. Ainda, no plano de sua conceituação, é: construção ficcional, arte subjetiva, “arte sutil para dedilhar a alma do paciente”.

Para realizar tal processo certas condições se fazem necessárias: atenção flutuante e abstinência, pensamento-sonho, deixar que surja e tomar em consideração, sem memória e sem desejo.

A interpretação não possui estatuto de conhecimento, não é explicação causal nem apli-

\* Psicanalista. Membro Associado da SBPSP.

cação de teoria; por sinal, quando essa surge na sessão — é consenso — houve falha no processo de interpretar.

A teoria deve aparecer após o trabalho clínico, nunca durante. Mas ela também está presente antes do trabalho clínico, na formação do analista, em suas influências e principalmente na metapsicologia usada.

Começam nossas divergências:

Divergimos sobre a metapsicologia, cada escola e analista privilegia alguns procedimentos, caminhos e estilos; predominam formas de intervenção clínica, escolhas e recortes teóricos, em suma, técnicas analíticas. Cada uma denomina método a sua técnica. E julga possuir o melhor jeito de se fazer análise, seja por desconhecer a metapsicologia da outra seja por acreditar que a superou.

A técnica é a escolha de tal ou tal tipo de intervenção, de procedimento ou de modo de estar/ser com o paciente. Dela se deriva o estilo de cada analista. E também é a partir dela que percebemos as escolas atuando na clínica.

As escolas funcionariam como poéticas diferentes, já que nenhum dos autores presentes conseguiu não reconhecer o trabalho do outro como psicanalítico — embora cada um, de acordo com suas influências e do ponto de vista da metapsicologia de sua escola, considere suas teorias como uma verdade, um conhecimento estabelecido e uma explicação no âmbito da teoria. Desse ponto de vista, as teorias perdem a leveza e a proximidade com os conceitos de inter-

pretação que elas mesmas criaram e que tanto apreciamos na clínica. Nossos conceitos são usados mais como “ciência que sabe a verdade” e menos como ficção metapsicológica. Essa é uma das proposições da Teoria dos Campos, que não negou as diferenças das teorias e das metapsicologias, mas percebeu algo em comum na prática clínica para todas as escolas e analistas, algo de caráter quase abstrato perpassando o trabalho clínico, um denominador comum: ruptura de campo, consequência do processo interpretativo, que não pode se confundir com desconstrução ou interceptação nem mesmo com qualquer outro procedimento clínico, porque conjuga todas as características descritas anteriormente e tem um propósito, permitir a emergência de novas representações.

O processo de derivar teoria da clínica foi considerado da mesma forma por todos os autores: um processo dialético. Concordamos que do ato clínico surgem pequenas teorias, feitas sob medida para cada paciente e que em geral se articulam à metapsicologia, que é vista como um corpo teórico mais pesado e, portanto, passível de sofrer menor mudança. Na perspectiva da Teoria dos Campos as pequenas teorias são privilegiadas e se aproximam das interpretações, pois são novas representações surgidas da experiência clínica.

Fabio Herrmann, muitos anos atrás, diante das diversas escolas — na época eram muito mais rígidas —, não pôde negar o trabalho analítico-clínico da cada

uma delas, de seus autores e dos analistas em geral, e assim buscou compreender o que lhes era comum. Encontrou o método psicanalítico.

Também há outro consenso entre nós, um consenso ontológico: o paciente da psicanálise é um homem fragmentado. Nenhum dos autores presentes ou escolas tem a intenção de torná-lo único, de encontrar o verdadeiro homem por detrás de tantos. No máximo transformar o fragmentado em múltiplo e em sujeito de seu destino. De forma que a ontologia se casa com a metodologia, o método favorece a multiplicidade e está prenhe dessa característica ontológica.

Luciana Saddi  
Praça Morungaba, 66 — Jd. Europa  
01450-090 São Paulo, SP  
Fone: (11) 9983-7195  
E-mail: lusaddi@uol.com.br

Recebido em: 13/11/2007  
Aceito em: 04/12/2007